

fatos e fofocas

BRASILIA, 24 DE JULHO DE 1969 — ANO VIII — NUMERO 442 — NOVA 2.00

EDICAO ESPECIAL FINANCAS
APRENDA A GANHAR DINHEIRO



O BRASIL RECEBE MARCELO CAETANO

O SUCESSO ROMANO DE CHICO BUARQUE



Em Roma, Chico compõe novas músicas, faz tevê, ganha dinheiro, mas só pensa em voltar.

Vico Feliciangeli é o fotógrafo do último filme de Fellini, *Satyricon*. Quando eu lhe disse, pelo telefone, que faríamos uma entrevista com Chico Buarque de Holanda, ele se mandou de Cinecittà até o meu apartamento em menos de uma hora. Em sua companhia, trouxe Gabriela e Fioretta, belas adolescentes, figurantes do filme de Fellini. Elas queriam conhecer o moço que conquistou a Itália com *Far Niente*, a versão local de *Bom Tempo*. O mesmo que aconteceu no Brasil, está acontecendo na Itália. Devagarinho, com calma, sem empurrar ninguém, sorrindo sempre Chico vai se transformando num dos cantores mais populares de Roma. Chico está feliz mas não esconde que sente medo. Afinal, ele é um veterano: 50 músicas, vários contos inéditos, uma peça de teatro, uma esposa, uma filha. E, além disso, já tem 24 anos.

Juntamente com Carlos Drummond de Andrade, Fernanda Montenegro e Oscar Niemeyer, ele era um dos meus monstros sagrados, razão por que sempre evitei conhecê-lo pessoalmente. Agora estamos no seu apartamento, atrás do Vaticano, devidamente protegidos por duas doses de uísque. Comprovo ser verdade o que conhecidos comuns me informam há anos: é impossível deixar de simpatizar imediatamente com Chico Buarque de Holanda. Sua vulnerabilidade é a sua força. Ele não finge. Se limita a ser e basta. Não complica, enfim.

A menina carioca que brinca de dona-de-casa

Chico olha para a sua jovem mulher, a atriz Marieta Severo, que ele conheceu há dois anos e meio quando ela ensaiava *O Bicho*, de Oduvaldo Vianna Filho, no Teatro Opinião. Olha para ela que está a alguns passos de distância, assistindo a um show com Gina Lollobrigida, na televisão. Ela parece uma menina carioca que brinca de dona-de-casa. Faz um comentário tipicamente feminino sobre a idade da Lollobrigida e desanuvia o ambiente.

O apartamento dos dois, apesar do bom-gosto e do conforto, não tem nada de extraordinário: um salão, mesa de jantar, sobre ela a máquina de escrever de Chico, e, evidentemente, um complicadíssimo mecanismo eletrônico de hi-fi. O que dá o tom jovem à casa é a pipa de pano, dessas em forma de águia, que se vendem em Copacabana, displicentemente pendurada na parede entre gravuras da Roma setecentista. Chico está debruçado sobre uma planta que julgo ser, por saudosismo, a do Rio de Janeiro. Mas não. Como vim a saber, depois, trata-se de uma



a
entrevista
exclusiva de
fef

das suas muitas pasárgadas. O seu hobby, como ex-futuro-arquiteto-urbanista, é desenhar plantas de cidades idealizadas, onde a Lagoa Rodrigo de Freitas se confunde com a Fontana de Trevi e o Maracanã aparece logo atrás da Universidade de Coimbra. De repente, ele tenta responder à pergunta: — Olha, o que acontece é o seguinte: eu vivi muito nos últimos anos...

Talvez o meu olhar atento às suas palavras o confunda. Resultado: ele embaralha as palavras ou as palavras o embaralham, não sei bem.

— Eu acho que o importante é o compositor evoluir na mesma linha até que dê uma barafunda na cabeça e a gente resolve começar de outro ponto. Mas isso não acontece todo ano. Custa. Custa muito. A imagem pode parecer meio cretina, mas é isso mesmo: é como nascer de novo. Eu nasci para o samba — desculpa a imagem outra vez — à força de ouvir e imitar a primeira bossa nova de Tom, Vinícius e João Gilberto. Só cinco anos mais tarde é que eu fui descobrir a minha música. Minha mesmo.

Músicas desengonçadas com letras compridas

A Nara gravou *Pedro Pedreiro* e *Olê, Olá*. Foi um lançamento, mas muita gente torceu o nariz porque as letras eram compridas e as melodias desengonçadas. Um outro samba — *O Juca* — tinha onze compassos, veja só. De lá para cá, vim aperfeiçoando, mais ou menos, as mesmas idéias. Fui amadurecendo. Mas hoje há quem faça cara feia para a canção bem feita. É como exigir que um garoto crescido continue a falar como um bebê só para as visitas acharem engraçadinho. Marieta observa qualquer coisa sobre uma carta do pai de Chico, o professor da USP. Sér-

"Um bom trabalho é fruto de muita vagabundagem. É preciso tempo para ser vagabundo"

gio Buarque de Holanda, e a conversa é desviada para a família do compositor. Ele tem seis irmãos, pela ordem: Heloísa (casada com João Gilberto), Sérgio, Álvaro Augusto, Maria do Carmo, Ana Maria e Maria Cristina. Chico é o mais moço dos homens.

Baden, o único capaz de fazer Chico vibrar

Retoma o argumento naturalmente:

— Antes do *Pedro Pedreiro* eu tive um samba concorrendo ao festival da Excelsior, aquele do *Arrastão*. Era o *Sonho de Carnaval*. O Vandré cantou. Chegou à final, mas ninguém deu muita bola. Minto. O Baden e o Vinicius gostaram. Aliás, devo muito ao Baden, nesse início de carreira. Foi o primeiro músico a me incentivar. E que músico! Que violonista, que compositor!

Quando fala de Baden Powell, Chico, que em geral esconde muito bem suas emoções, se deixa trair. Realmente, o admira muito.

— Mas a maior oportunidade veio com o convite de Roberto Freire para eu musicar *Morte e Vida Severina*, espetáculo de teatro que venceu, para o Brasil, o festival de Nancy. Depois é aquilo que todo o mundo sabe. A *Banda* pegou e eu entrei na roda-viva. Às vezes eu tenho a impressão de que vivi 50 anos em cinco.

No Show de Endrigo, a falsa improvisação

Mesmo na Itália, Chico prossegue num ritmo de vida impressionante. Não há semana que uma revista não estampe uma reportagem sobre ele, que não apareça cantando num programa de televisão ou não faça um *show* em Nápoles, Milão, Turim ou qualquer outra grande cidade. Ainda recentemente apresentou-se com Sérgio Endrigo num *show* escrito pelo jornalista brasileiro Oscar Araújo. Ambos cantavam canções de amor onde não entrava a palavra amor. Como testemunhei a coisa, posso declarar, tranqüilamente, que Chico roubou a noite cantando em português. Atualmente, ele está trabalhando na parte musical de *Cleo e Daniel*, adaptação cinematográfica do excelente romance de Roberto Freire. Além disso tem um programa radiofônico semanal chamado *Chico e Mita*. Mita é uma

jovem atriz italiana com quem o autor de *Sabiá* discute música popular diante do microfone.

— Mas você, tímido dêse jeito, como é que consegue improvisar?

— Improvisar o que, seu! Está tudo escrito. A gente é que finge uma certa naturalidade e como o meu italiano ainda não é muito bom, a coisa passa. Marieta serve salgadinhos enquanto a televisão informa que Gláuber Rocha recebeu o prêmio da crítica, em Cannes. Como eu o havia encontrado, uma semana antes, em Cannes, exibindo *Antônio das Mortes* (*O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro*) para compradores alemães, a conversa é desviada. Chico quase salta da cadeira:

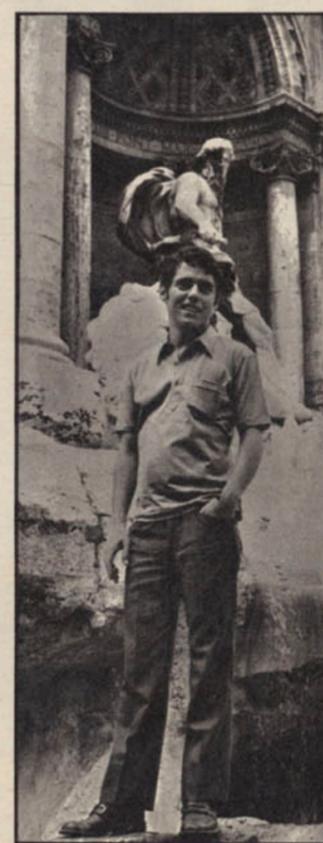
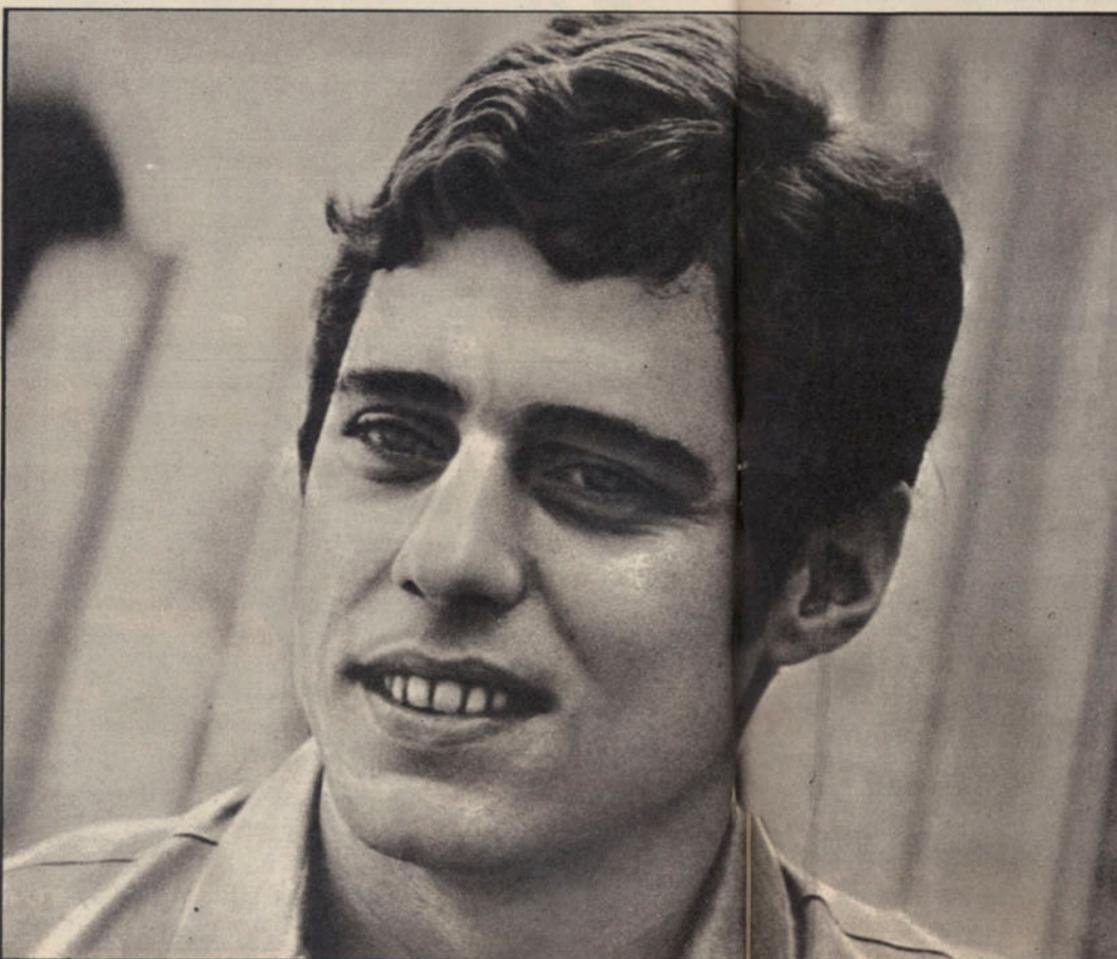
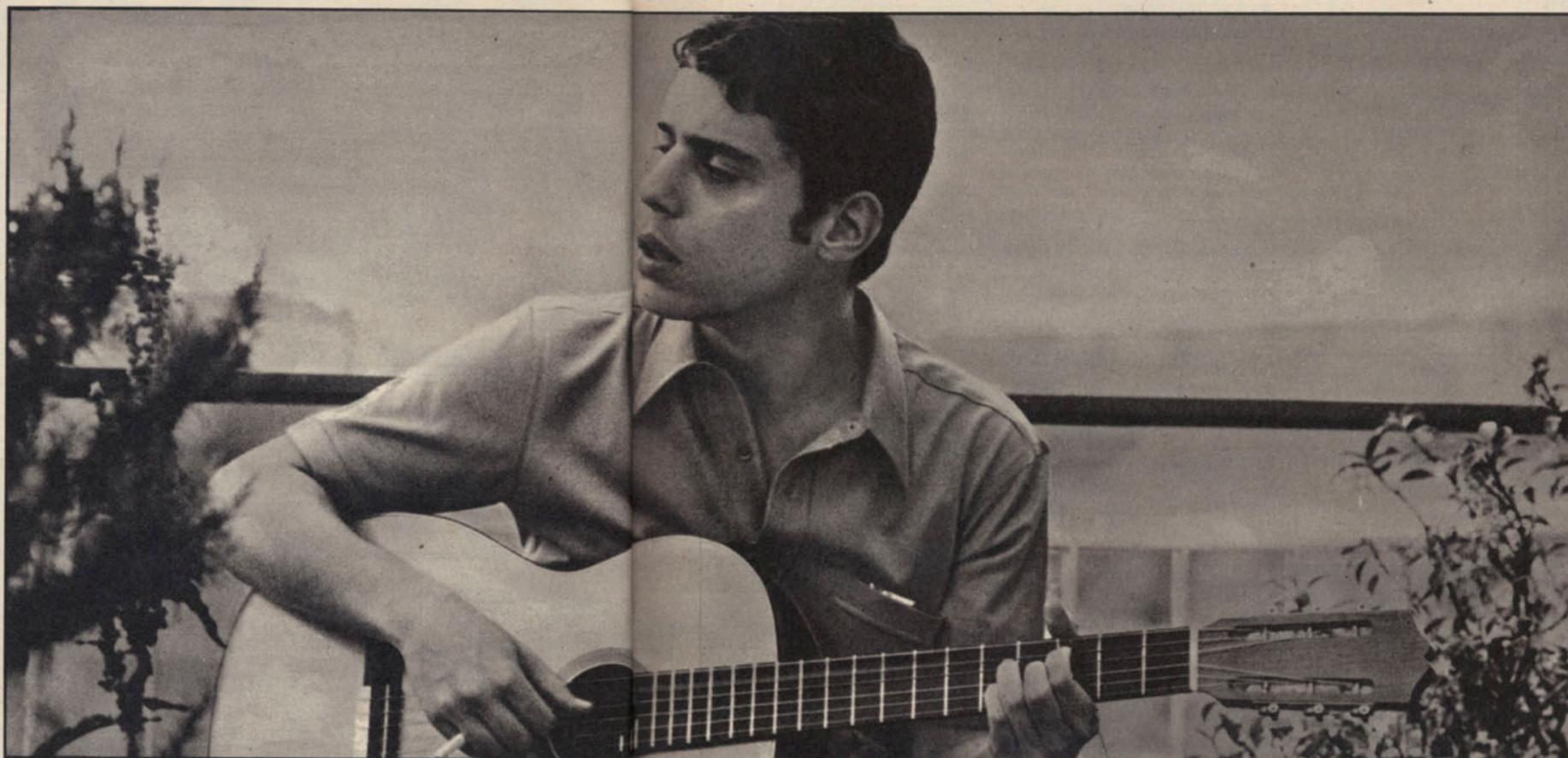
— Um brinde ao Gláuber — pausa. — Puxa, como eu gosto do Brasil. A gente aprende a gostar do Brasil aqui fora. Você não pode imaginar como me alegra saber que o Gláuber ganhou o prêmio.

"Tem gente aborrecida com meus olhos verdes"

Marieta interrompe:

— Isso é verdade. Ainda há dias nós estávamos assistindo a *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (em italiano: *Il Dio Nero e Il Diavolo Bianco*), quando, de repente, eu vi que o Chico não estava prestando atenção ao filme. Sabe o que era? Ele estava preocupado com duas pessoas que haviam se retirado do cinema. Quase que saiu atrás delas para perguntar se estavam indo embora porque entraram no meio da sessão ou porque não gostavam do filme.

— Mas se você gosta tanto assim do Brasil — pergunto — porque é que não ficou por lá? — Não há uma razão. Quero dizer: eu vim trabalhar e fui ficando. Mas, como eu já disse, é de longe que a gente começa a gostar mesmo da terrinha. Lá dentro... Você sabe, quando estourou o sucesso da *Banda*, toda aquela confusão, o Tom me disse: "Puxa, rapaz, que loucura! Segura firme no braço da cadeira que vão começar a sacudir." Dito e feito. De repente, estava eu cercado de amigos e inimigos que não conhecia. Sou muito cuidadoso com os amigos. Os inimigos, esses nunca falaram comigo. Escrevem sobre mim ou falam de mim com muito ressentimento. Até parece coisa pessoal. Aqui estou mais distante. Sou um compositor e



"Sou muito cuidadoso com os amigos. Os inimigos, esses nunca falaram comigo. Escrevem sobre mim ou falam de mim com muito ressentimento. Até parece coisa pessoal. Aqui estou mais distante. Sou um compositor e basta."

a
entrevista
exclusiva de
fef

basta. Eu gosto de compor. Nunca estive à vontade no palco. Não é por timidez. É vergonha mesmo. Ando desengonçado e, às vezes, fico com cara de idiota. Não tenho um barbeiro especial e o cabelo parece cada vez de um jeito. Uso um par de sapatos até furar e as minhas calças são meio largas. Uma vez, um cantor me gozou porque minha calça era muito antiquada, tinha bainha na barra. Agora o modelo de calça voltou à moda e o cantor já saiu. Também fui muito criticado num festival porque usei um casaco listrado muito elegante, mas não condizente com o autor de *Roda Viva*, conforme fiquei sabendo. Agora, na saída, ouvi comentários amargos a meu respeito, de gente aborrecida porque eu tenho os olhos verdes.

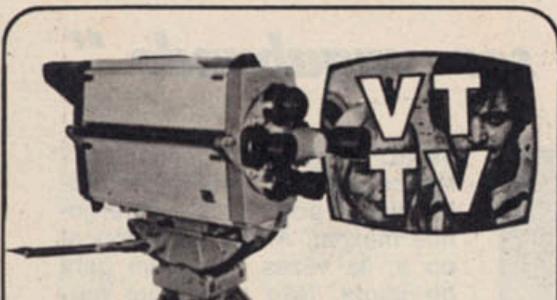
"As músicas não têm história. Acontecem"

— E a disciplina, você conseguiu?

— Consegui a tranqüilidade, mas não a disciplina. Não tem jeito. No meu caso, um bom trabalho é fruto de muita vagabundagem. É preciso tempo para ser um vagabundo. É preciso estar disponível à primeira idéia. Depois da idéia, aí sim: lápis, violão e disciplina. O resultado é que fiz seis músicas em cinco meses. Uma média ótima para mim. Um negócio engraçado: o pessoal pensa que cada música tem que ter necessariamente uma história. As músicas não têm histórias. Acontecem. É impressionante, por exemplo, a colaboração subconsciente no processo de criação. Muitas vezes, cantarolando uma composição minha, eu me surpreendo: "mas como foi que eu pude bolar um negócio bacana como este?" A verdade é que acho que estou vivendo muito para poder analisar com calma a minha vida.

— E o teatro, Chico? Bastou a primeira experiência?

— Não. Marieta, quando voltamos ao Rio, continuará fazendo teatro. (A mulher de Chico foi a atriz principal de sua peça, na montagem carioca.) Quanto à *Roda Viva* é natural que eu já não goste de uma coisa que escrevi há dois anos. Na minha idade, dois anos contam muito. Mas não me arrependo de havê-la exposto com todos os seus defeitos. Um dia escrevo coisa melhor. O meu problema em relação à *Roda Viva* é o seguinte: não



SHIBADEN

TEMOS TUDO EM TV OU VT
Amador/Comercial/Profissional



8 modelos de gravadores de VIDEO TAPE, desde o compacto para uso (doméstico) até o mais completo (profissional para corês). Um VT SHIBADEN (amador-comercial) é a única Fita VT que pode ser transmitida por qualquer estação de TV.
13 tamanhos diferentes de monitores: desde 5 polegadas até 23 polegadas.
Transmissores de TEVÊ, de 1 até 10KW.
Unidades de controle remoto, gerador de sincronismo, distribuidor de vídeo, modulador, unidade de efeitos especiais (mesa de trucagem), unidade para comutação de até 4 câmeras, sistema micro-ondas, geradores de pulso, moduladores VHF, e toda a linha de equipamentos auxiliares.
Circuito Fechado para fiscalização de Bancos, Supermercados e Magazines.
12 tipos de câmeras:
Desde a portátil (amador) até Broadcasting (profissional), e corês.
Câmeras blindadas, Câmeras Varredoras, Gravadoras de Sinais de Radar, Câmeras para Hospitais (incluindo equipamento de Gravação de RAIÓ X).



No Brasil, SHIBADEN é uma marca exclusiva
comercial wagner s/a

Demonstração e Assistência Técnica

Av. São João, 1588 - s/loja -

fonos: 220.9219-2220.9208-220.9309

Caixa Postal 7785 - Tel. COMQUIM - São Paulo

Av. Rio Branco, 156 s/loja 2 grupo 337

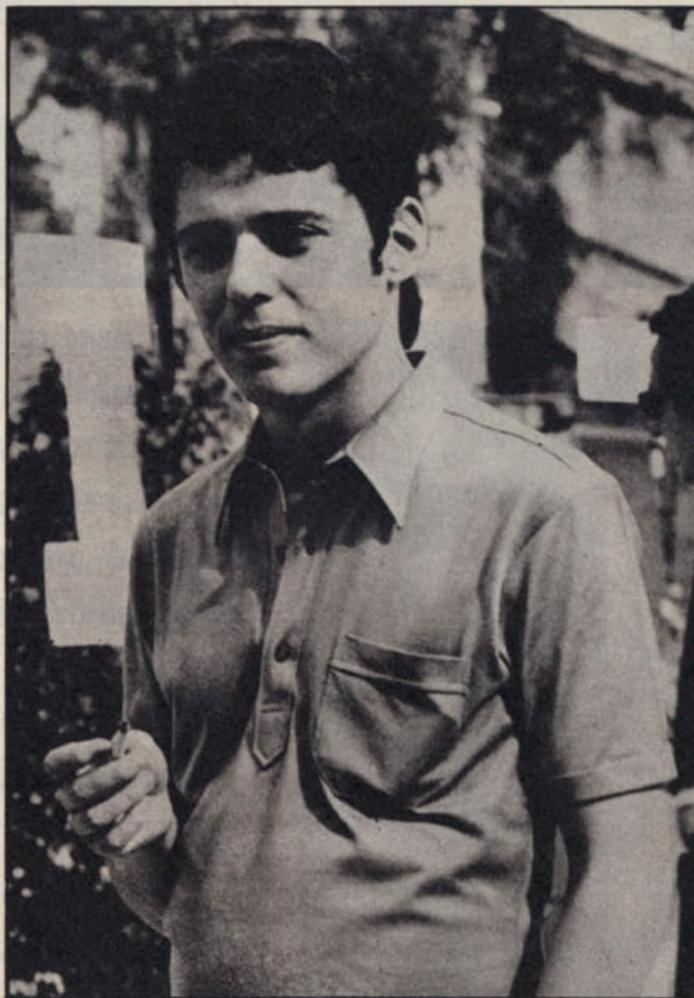
Ed. Avenida Central - Rio -GB

Em Roma, éle joga bola como faz música. É um craque e tanto

sei se o público foi para assistir a uma peça de teatro ou para ver o que foi que escreveu o autor da *Banda*. A propósito, outra coisa que me deixou triste no Rio: o fato das *peças de bom-gosto* não quererem compartilhar o gosto do público. Quando poucas pessoas conheciam minhas composições, tinha gente que me considerava um gênio.

O esquema de Chico não é pureza nem tradição

Quando elas foram batidas, rebatidas e trebatidas pelo rádio, discos, tevê, eu passei a ser, para essas pessoas, quase um compositor menor. Mas o que foi que mudou? Piorei, por acaso?



A última música de Chico foi feita para Sílvia, sua filha, ainda não tem nome, e termina assim: "... Ai, te repito, êsse meu canto de louvor, ao fruto mais bendito, dêsse imenso amor."

— Olha, o José Ramos Tinhorão que entende de samba e muito, no seu último livro, diz que vocês estão se estrangeirando.
Diante da óbvia provocação, Chico responde:
— Olha, eu nunca me propus a salvaguardar a pureza nem a tradição da música popular brasileira. Trato apenas de fazer a minha música. Eu faço samba

porque gosto. Sempre gostei. Não é vantagem. Outros preferem o chá-chá-chá. Deixa preferir. Não tenho nada com isto. Eu vim à Itália para cantar samba e não sei fazer outra coisa. Mas acontece que o estrangeiro não sabe dançar samba e os músicos se atrapalham. É por isso que a orquestração italiana tem sotaque. O ritmo é difícil e muito novo para eles, embora seja considerado ultrapassado no Brasil por muita gente. É claro que eu gostaria que o mundo inteiro aceitasse a minha música como ela foi feita. Mas você sabe que o português, aqui, é grego ou pior. Eu canto em italiano, porque assim exigiu o contrato. Era uma opção: ou eu vou à Itália mostrar um pouco do meu samba ou fico sentado na areia e não mostro nenhum.

"Que rico, nada. Aqui só compacto é que vende"

— Mas Chico — digo eu, mudando de assunto — dizem que você está ganhando os tubos por aqui, é verdade?

— Que nada, seu! Talvez eu ainda venha a ganhar, mas, por enquanto, não. O que vende aqui é compacto. Você sabe, o direito de autor é pago no Brasil... A *Banda* continua sendo o meu carro forte.

Neste momento, Chico nos obriga a tomar o último uísque e sair imediatamente para aproveitar o sol de Roma e fazer algumas fotos do Chico, na Fontana di Trevi. Faz as poses e, no final, pergunta:

Um craque de bola com carteirinha de sócio

— Você quer ir ao futebol comigo, amanhã?

— Quem joga?

— Ora, eu — responde, com a maior naturalidade.

No dia seguinte, soube que Chico joga pelo Clube Mentana, do qual é sócio com carteirinha e tudo. Antes disso, jogava pelo time do Colégio Pio Brasileiro, instituição que hospeda religiosos brasileiros que estudam em Roma. O time já estava completo, mas Chico conseguiu uma vaga, na base da seguinte chantagem: "Se vocês me botam no time eu faço o hino do clube." E tem um detalhe, que pude observar pessoalmente: éle joga futebol como faz samba. Bem à beça!